



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

ELISÂNGELA DOS SANTOS

***PRETINHA, EU?* DE JÚLIO EMÍLIO BRAZ**
COMO PROPOSTA DE COMBATE AO PRECONCEITO E VALORIZAÇÃO
ÉTNICO-RACIAL NA ESCOLA

Itabaiana – SE

2016

ELISÂNGELA DOS SANTOS

***PRETINHA, EU?* DE JÚLIO EMÍLIO BRAZ**
COMO PROPOSTA DE COMBATE AO PRECONCEITO E VALORIZAÇÃO
ÉTNICO-RACIAL NA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras (DLI) da Universidade Federal de Sergipe, *Campus* Prof. Alberto Carvalho, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras.

ORIENTADORA: Prof^ª. Dr^ª. Jeane de Cássia do Nascimento

Itabaiana – SE

2016

ELISÂNGELA DOS SANTOS

***PRETINHA, EU?* DE JÚLIO EMÍLIO BRAZ**
COMO PROPOSTA DE COMBATE AO PRECONCEITO E VALORIZAÇÃO
ÉTNICO-RACIAL NA ESCOLA

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Licenciado em Letras Português e aprovado em sua forma final pelo curso de Letras Português da Universidade Federal de Sergipe.

Itabaiana, ____ de _____ de _____.

Banca Examinadora

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Jeane de Cássia do Nascimento (UFS)

Avaliadora: Prof^a. Dr^a. Márcia Regina Curado Pereira Mariano (UFS)

RESUMO

A literatura tem um papel importante para a humanidade. Ela contribui muito para que conheçamos determinados aspectos culturais, sociais e políticos de nossa história. Na Literatura Brasileira, no que se refere ao ser negro ou afrodescendente, até meados do século XX, os personagens negros eram retratados de forma marginalizada, e observa-se que os papéis dos personagens sempre representavam as classes subalternas da sociedade à que de fato pertenciam, e isso devido a todo o contexto histórico, social e econômico que sofreram e sofrem ainda hoje. Diante disso, traçaremos um pouco da presença do negro na Literatura Brasileira, analisando como o negro era visto por alguns autores e representado em suas obras, e chegaremos ao modo como se fundamenta o preconceito racial no Brasil e em sala de aula. Nesse sentido, visualizaremos como a lei 10.639/2003 contribui e dá espaço à sociedade negra para divulgar sua história e cultura de forma que isso possa contribuir para a diminuição dos atos de discriminação, racismo e preconceito na sociedade brasileira. Com isso, este trabalho tem como finalidade analisar a obra literária *Pretinha eu?*, de Júlio Emílio Braz, que trata de questões de preconceito vividas por estudantes negro nas escolas e que se disseminam no convívio social. Além disso, pretendemos analisar a importância dessa obra como material didático que pode contribuir para a aprendizagem do aluno, no que diz respeito à conscientização dos discentes e ao respeito às diferentes etnias. Para tanto, este trabalho tem como apoio teórico os estudos de Rosângela Malachias, Kabengele Munanga, entre outros, que compõem o painel crítico deste trabalho.

Palavras-chave: Literatura Infanto-Juvenil; Negro; Identidade; Preconceito.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.	5
1 O PRECONCEITO RACIAL NO BRASIL.	7
1.1 O preconceito racial na escola.	9
1.2 A Lei 10.639/2003.	11
2 O PERSONAGEM NEGRO NA LITERATURA.	13
2.1 Análise da personagem da obra <i>Pretinha, eu?</i>	18
3 RELATOS DE EXPERIÊNCIA.	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.	32

INTRODUÇÃO

Com a promulgação da Lei nº 10.639/2003, tornou-se obrigatória em todas as escolas, públicas e privadas, de ensino fundamental e médio, a inclusão, no ensino, de disciplinas que contemplem a História da África e dos Africanos, as lutas dos negros do Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, bem como aspectos da cultura Africana e Afro-Brasileira (BRASIL, 2003).

O motivo que nos leva à realização desta pesquisa é justamente o interesse em abordar temas de caráter social que são relevantes para a aprendizagem e para a formação do caráter dos alunos, neste caso, a ênfase recai sobre a tematização do preconceito. Além disso, destacamos a importância das obras do autor Júlio Emílio Braz, com as quais tivemos contato na disciplina Literatura Portuguesa IV. Essas obras tratam, de forma objetiva, de situações do cotidiano que são voltadas em sua maioria para um público infanto-juvenil e procuram descrever, em muitas de suas narrativas, questões sociais e principalmente étnico-raciais, valorizando, assim, a cultura Afro-Brasileira, além de possuírem uma linguagem a favor do combate ao preconceito e à discriminação racial. Com isso, trazemos como proposta de material didático o livro *Pretinha, eu?*, do referido autor, obra esta em que são exploradas questões de valorização étnico-racial, de busca pela identidade negra e de como lidar com situações de racismo, principalmente no ambiente escolar, onde o índice de ocorrências é maior.

Por se tratar de um texto que é pouco divulgado e trabalhado em sala de aula, o nosso objetivo, portanto, é levá-lo ao conhecimento tanto da criança quanto dos adolescentes e jovens, procurando, nesse contexto, tornar o aluno um ser consciente da sua etnia e valorizando sua raça e sua cor, além de promover sua formação como um ser capaz de respeitar as diferenças raciais existentes na sociedade. Pretendemos, enfim, combater o preconceito e a discriminação, os quais ocorrem tanto no ambiente escolar quanto na sociedade como um todo. Nesse viés, através do texto literário, temos em vista analisar de que forma os personagens negros estão assumindo seu lugar na literatura e como essa literatura é aceita na sociedade, observando ainda de que maneira essas obras podem contribuir para o combate ao preconceito.

A pesquisa tem como ponto de partida o relato sobre o preconceito racial no Brasil. Para tanto, utilizaremos referenciais teóricos como o Prof. Dr. Kabengele Munanga (2005),

que detalha com maior especificidade as noções de raça, racismo, identidade e etnia da cor, como também a professora e atual ministra da Cidadania Nilma Lino Gomes (2005), uma especialista em relações raciais e educação, a qual nos fornece exemplos de projetos de como o professor poderá atuar em sala de aula e tratar de questões étnico-raciais com os alunos. Em seguida, trataremos da questão do preconceito racial em sala de aula, com a autora Rita de Cássia Fazzi (2006), que, em seus projetos, realiza uma análise da realidade preconceituosa do aluno em sala de aula, além de analisar a forma preconceituosa como os estereótipos raciais circulam na escola.

A partir dos estudos de Domingos Proença Filho (2004) e Eduardo de Assis Duarte (2011), serão traçados alguns exemplos de como ocorreram as participações de personagens negros na literatura produzida no Brasil, desde a segunda metade do século XVIII até os dias atuais. Ambos os autores observam que a participação do negro na literatura ocorreu de duas formas diferentes. Segundo Proença (2004), “Evidenciam-se, na sua trajetória no discurso literário nacional, dois posicionamentos: a condição negra como objeto, numa visão distanciada, e o negro como sujeito, numa atitude compromissada”. Num primeiro momento, o negro era o “objeto” de produção de vários autores como José de Alencar e Aluísio de Azevedo, que descreviam o negro nas suas misérias e situações subalternas à comunidade burguesa da época. Já num segundo momento, por volta de 1940, e mais precisamente em 1960, o negro surge como “sujeito”, agora autor de uma literatura que evidencia a figura do negro fazendo-o protagonista de suas obras.

Num segundo momento desta pesquisa, teceremos considerações analíticas, i) abordando a personagem principal do livro *Pretinha, eu?*, de Júlio Emílio Braz, com o apoio teórico de Beth Brait, que ajuda a identificar os tipos de personagens existentes na obra; ii) analisando o narrador do texto a partir da teoria de Norman Friedman e enfatizando as questões que são tratadas na obra sobre preconceito e discriminação racial. Traremos também os estudos de Rosângela Malachias, que discute, em algumas de suas obras, questões referentes à estética negra, no que se refere, por exemplo, ao cabelo e às formas físicas do negro, que são vistos como características inferiores às outras raças. Para melhor compor o *corpus* deste estudo, será realizada, com os alunos, uma oficina de leitura sobre os temas em questão, na sala de aula, e aplicaremos um questionário para analisar a relação que eles têm com o assunto em pauta e de que forma o preconceito está presente no convívio escolar e social deles.

1 O PRECONCEITO RACIAL NO BRASIL

O Brasil é o maior país da América do Sul, com uma população de mais de 190 milhões de habitantes. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), metade da população é negra descendente de africanos, contingente este que enfrenta o preconceito e a discriminação por parte de muitos que se consideram brancos “europeizados”. Mas como pode um país em que a maioria de sua população é negra ser um país com altos índices de crimes com base nas práticas do racismo, preconceito e discriminação?

Em termos de teorização para o desenvolvimento deste estudo, conceituamos o preconceito de acordo com Nilma Lino Gomes:

O preconceito é um julgamento negativo e prévio dos membros de um grupo racial de pertença, de uma etnia ou de uma religião ou de pessoas que ocupam outro papel social significativo. Esse julgamento prévio apresenta como característica principal a inflexibilidade, pois tende a ser mantido sem levar em conta os fatos que o contestem. Trata-se do conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos. O preconceito inclui a relação entre pessoas e grupos humanos. Ele inclui a concepção que o indivíduo tem de si mesmo e também do outro (2007, p. 54).

Desta forma, o preconceito consiste num pré-julgamento que um indivíduo tem em relação a outro. No que diz respeito aos negros, os pré-julgamentos são realizados em diversos aspectos, seja quanto à questão da sua cor, das características físicas, do cabelo, da capacidade de inteligência, ou ainda nas posições de exercício no trabalho, etc. Todos esses estereótipos são motivos de ofensas que afrontam a imagem do cidadão negro, que vem lutando ao longo dos séculos por um novo olhar da sociedade, a qual, por sua vez, preconceituosamente cria barreiras impedindo que eles exerçam seus direitos de cidadãos e que possam ocupar lugar de prestígio e reconhecimento na sociedade.

As origens do preconceito se fundamentam no que diz Kabengele Munanga:

[...] quando pensamos na situação dos escravos e dos libertos, também temos que considerar o tipo de sociedade existente naquele e as possibilidades desses sujeitos

diante de um contexto que não previa nenhum tipo de inserção social tanto dos escravizados como dos libertos na sociedade dos homens livres (2006, p. 68).

Neste caso, a situação escrava dos negros no Brasil lhes foi imposta de forma radical, ao passo que as condições de vida que também lhes foram ofertadas não contribuíram de forma positiva para o exercício de uma cidadania digna. Conforme Munanga (2006), “O que aconteceu é que a ele foi imposto o regime da escravidão que o obrigou a viver durante séculos sob a condição de escravo”. O que se tem nesse cenário é que as condições de trabalho escravo sem remuneração, e mesmo depois do processo da abolição assumindo os cargos de emprego menos valorizado, não permitiram ao negro inserir-se no mesmo ambiente social que a elite burguesa, contribuindo de forma ainda mais instigante para a discriminação e o preconceito entre classes e raças.

O preconceito surge no Brasil em meio a uma situação eminentemente econômica, devido à vinda, para o nosso país, dos imigrantes europeus, que decidem de forma cruel trazer os negros da África para escravizá-los e servir de instrumento de força bruta para enriquecer os imigrantes europeus que vieram nos colonizar. Neste período da nossa história, não se tinha ainda o conceito de discriminação racial, preconceito e racismo, a população negra era considerada simplesmente uma sociedade inferiorizada, e assim passa a ser explorada na forma de tráfico humano como mercadorias e como escravos sendo submetidos a condições de trabalho degradantes impostas por seus senhores.

Infelizmente, no Brasil, o preconceito com relação aos afrodescendentes não se limita somente às questões raciais, sociais e econômicas. Ele abrange aspectos culturais, bem como físicos e religiosos. No tocante aos aspectos culturais, temos estilos musicais como o rap e o funk, e também danças folclóricas, como a capoeira e outras danças que, via expressão corporal, persistem na resistência e na construção da identidade. De acordo com Munanga (2006), a capoeira era perseguida e reprimida durante o Império e a República; os capoeiristas eram considerados barulhentos e desordeiros. Hoje, ela já adquiriu seu espaço na sociedade, mas passou por diversas batalhas para se instituir como constituinte da cultura negra. Quanto aos aspectos físicos, esses são os que causam os maiores atos de preconceito, além da pele negra, os lábios geralmente possuem uma espessura mais grossa e os cabelos são crespos. Essas características dos indivíduos negros são até hoje alvo de atitudes preconceituosas, pois são vistas como traços diferenciadores da identidade dessa raça. Com relação à questão

religiosa, por sua vez, a maioria da sociedade brasileira associa as religiões africanas a seitas satânicas, fazendo com que ganhassem menos espaço na sociedade brasileira.

1.1 O preconceito racial na escola

Segundo Fazzi (2006), a escola é o ambiente social, controlado por professores, em que é testado em suas relações o conjunto de valores, atitudes, comportamentos, crenças e noções raciais aprendidos em outros lugares. É na escola que crianças, adolescentes e adultos passam boa parte de seu tempo de vida, convivendo com pessoas de diversos estilos e ideologias, portanto, é lá também que se revelam as atitudes, os valores e os comportamentos que são adquiridos fora do universo escolar.

É também na escola que acontece, na maioria dos casos, o primeiro contato com diversas culturas e etnias. Dessa forma, a escola passa a ser um ambiente de socialização dos alunos, principalmente nos anos iniciais de ensino, quando a criança ainda está em processo de formação intelectual. No entanto, é também nesse ambiente que as relações entre indivíduos brancos e negros podem acontecer, em alguns casos, de forma discriminatória, levando o cidadão negro a adotar uma postura tímida, por ser insultado ou até mesmo ridicularizado. Em muitos casos o preconceito praticado dentro da escola causa grandes transtornos na vida das crianças e dos adolescentes, como se nota na citação a seguir:

A inação das crianças negras revela, a meu ver, um misto de medo, dor, impotência: diante dessas emoções imobilizadoras não conseguem ou não sabem como se defender. Face ao ambiente que lhes é hostil, as crianças negras isolam-se, retiram-se do palco da disputa. Tentam passar despercebidas, abandonando o conflito (CAVALLEIRO, 1998, p. 110).

Sendo assim, o medo, a dor e a impotência que o indivíduo negro sofre diante das várias ações preconceituosas que, na sua maioria, não sofrem punição, levam-no a esse estado de inércia e isolamento que é bastante preocupante, uma vez que pode levar o aluno a sérios problemas como a depressão e o mau desempenho escolar, podendo provocar ainda atitudes de desvalorização de suas características negras, levando-o a assumir uma nova identidade.

É interessante ressaltar, porém, que o preconceito racial na escola acontece não somente entre os alunos, ocorrer também em situações de professor *versus* aluno, e livro didático *versus* aluno, o que tende a dificultar ainda mais a inserção do aluno negro no ambiente escolar.

É inadmissível pensar que um professor em exercício de sua função, como também no seu convívio social e familiar, seja uma pessoa preconceituosa e realize atos de racismo e discriminação para com seus alunos. Isso porque se espera que, desde quando ele já se projeta para ser um educador, este deva ter noção do contato que certamente acontecerá com pessoas de diferentes etnias e de grupos sociais distintos. Todavia, em alguns casos são observadas situações discriminatórias, o que, na relação de poder estabelecida na sala de aula, torna mais complexa a inferiorização do cidadão negro. Além disso, as formas de preconceito entre professor e alunos são muitas das vezes silenciadas e desconsideradas como atitudes racistas e preconceituosas. A título de exemplificação, mencionamos um trecho do livro *Cabelo bom, Cabelo ruim*, de Rosângela Malachias, no qual a autora cita o relato de uma professora que acaricia a cabeça de uma criança que tem o cabelo liso, enquanto duas amigas negras ficam à espera que a professora aja da mesma forma com elas:

Sem saber, as duas professoras repetem, em suas salas, as mesmas ações. Passam a mão na cabeça das meninas mais branquinhas, porque elas têm um “cabelão lindo”, nunca precisarão de escova progressiva nem de gel em excesso.

As crianças negras e mestiças observam, sem fala, o carinho demonstrado pela “tia” àquela criança. Talvez estejam ansiosas, esperando a sua vez de receber carinho semelhante, mas ele não ocorre (MALACHIAS, 2007, p. 12).

São em situações como essas, o mais das vezes naturalizadas e despercebidas, que percebemos o tratamento diferente e discriminatório do professor para com o aluno negro, o qual recebe um tratamento inferior ao aluno branco, gerando também graves transtornos e constrangimentos à vida deste aluno. Para pôr um fim a esses comportamentos, é preciso, de acordo com Gomes (2001):

A reversão dos currículos, a construção de uma relação ética e respeitosa entre professores/as e alunos/as, o entendimento do/a aluno/a como sujeito cognitivo, a compreensão de que os sujeitos presentes na escola vêm de diferentes contextos socioculturais e possuem distintas visões de mundo são princípios de uma educação cidadã.

1.2 A Lei 10.639/2003

A escola brasileira, além de ser um lugar destinado a formar cidadãos, passa também a ser o ambiente adequado para promover a necessária valorização étnica – racial e cultural –, já que somos um país multifacetado racialmente. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana:

A educação constitui-se um dos principais ativos e mecanismos de transformação de um povo e é papel da escola, de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano na sua integridade, estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias de grupos e minorias. Assim, a educação é essencial no processo de formação de qualquer sociedade e abre caminhos para a ampliação da cidadania de um povo (BRASIL, 2004, p. 7).

Diante desse quadro, é possível compreender que a lei decreta que a escola se comprometa a inserir, no seu plano político e pedagógico, práticas de ensino que estimulem a formação de valores e o respeito às diferenças étnico-raciais, além de promover maiores discussões acerca dos grupos étnicos, tendo em vista a divulgação e o conhecimento de seu ambiente social e cultural.

A escola também tem como meta produzir conhecimentos, educar e formar valores que eduquem e possam tornar cidadãos conscientes e orgulhosos com relação à sua etnia. Nesse sentido, oportunizar o ensino-aprendizagem sobre a cultura afro-brasileira e africana é um projeto de superação das desigualdades relacionadas à raça, cor e etnia, tão impregnadas na nossa sociedade. A valorização das diferenças é o caminho para a aceitação do Outro, o que permite uma convivência respeitosa e mais harmônica para todos.

No entanto, para que todas as metas sejam cumpridas pela escola, é importante que a instituição esteja equipada com materiais didáticos apropriados, com estruturas físicas necessárias ao desenvolvimento das atividades, assim como é imprescindível o engajamento intelectual e afetivo dos professores para com os alunos, para que estes se sintam apoiados e valorizados. Por fim, é necessário também que haja um trabalho conjunto entre as políticas públicas, as escolas, os professores, os diretores e os movimentos sociais que estejam dispostos a colocar em prática as exigências da lei, visto que:

A luta pela superação do racismo e da discriminação racial é, pois, tarefa de todo e qualquer educador, independentemente do seu pertencimento étnico-racial, crença religiosa ou posição política. O racismo, segundo o Artigo 5º da constituição Brasileira, é crime inafiançável e isso se aplica a todos os cidadãos e instituições, inclusive, à escola (BRASIL, 2004, p. 16).

Seja criminalizando a prática do racismo, seja problematizando isso em sala de aula ou na sociedade como um todo, o que se coloca como questão emergencial é a superação do preconceito e o incentivo para que as identidades sejam aceitas por todos os cidadãos.

Como um dos veículos para minimizar não só a questão do preconceito, mas as piadas e xingamentos por parte dos alunos, bem como para desconstruir os estereótipos pré-estabelecidos e proporcionar ao ambiente escolar mais carinho e respeito entre os colegas, as obras de Júlio Emílio Braz podem e devem ser adotadas na sala de aula, e é sobre elas que trataremos na seção a seguir.

2 O PERSONAGEM NEGRO NA LITERATURA

A produção literária brasileira vem passando, nas últimas décadas, por um processo de mudanças motivadas pelo surgimento de novos sujeitos sociais que reivindicam a sua inserção no ambiente literário discursivo, os quais antes eram relegados ao silenciamento ou aos papéis marginalizados da obra. Desde o período da colonização, os afrodescendentes protagonizaram uma situação de vida subalterna, vivendo às margens da sociedade como escravos de um movimento capitalista que até os dias de hoje acaba por separar os indivíduos em brancos/ricos e negros/pobres.

Essa situação começa a mudar somente a partir da década de 80, quando grupos de feministas dos movimentos negros tentam de certa forma romper com os modelos das personagens femininas negras, antes voltados às cenas de preconceitos raciais, sociais e de gênero, criando, a partir de então, versões que estariam valorizando a mitologia e a religião africana. Com esse enfrentamento, estavam tentando romper com a desvalorização e a desqualificação nas narrativas com relação às personagens negras. Segundo Duarte (2011), é devido a esse movimento feminista e ao apoio de movimentos negros, como, por exemplo, o grupo Quilombhoje e o grupo paulistano de escritores, fundado em 1980, por Cuti, Oswaldo de Camargo, Paulo Colina, Abelardo Rodrigues e outros, que a literatura brasileira toma novas versões que têm como meta dar visibilidade à literatura afro-brasileira e discutir e aprofundar a experiência afro-brasileira na literatura. Destacam-se ainda autores como Silvio Romero, David Brookshaw, Artur Ramos, Gilberto Freyre, entre outros, que também se dedicaram a esse tipo de produção.

Os personagens negros sempre apareciam nas histórias vinculados à escravidão, ao sofrimento, às condições de inferioridade e como vítimas de violência física e sexual, nunca se pensava ou narrava o negro como protagonista ou componente importante da história e do convívio social, até a chegada desses autores que contribuíram de forma significativa para o surgimento da nova literatura denominada negra ou afro-brasileira. Segundo os estudos de Domício Proença Filho (2004), no trabalho intitulado *A trajetória do negro na literatura brasileira*, “o negro não escapa ao tratamento marginalizado que, desde as instâncias fundadoras, marca a etnia no processo de construção da nossa sociedade”. Ainda segundo ele, o discurso literário nacional revela posicionamentos diferentes com relação ao negro: de um lado, uma literatura que trata o negro como objeto de assunto ou de tema, evidenciando os

personagens negros ou descendentes de negros, narrando sua realidade de vida cultural e histórica, assim como suas ideologias e estereótipos contrários à estética dominante “branca”; e, por outro lado, o negro atuante como sujeito criador de seu próprio discurso literário.”

De acordo, com Proença Filho (2004), o negro é considerado como objeto de criações literárias de escritores que pertencem à sociedade considerada “branca”. Como exemplos do que vimos falando, citaremos algumas das principais obras que se utilizam da imagem estereotipada do negro e que retratam as situações de misérias e subordinação vividas por eles. É necessário ressaltar que o negro enquanto personagem atua quase sempre na posição de coadjuvante, ocupando um lugar de menor destaque na literatura brasileira, com papéis característicos da sociedade menos favorecida. O papel das mulheres negras ou “mulatas”, como muitos autores insistem em denominar, é, assim como o do homem negro, retratado de forma escravizada e desvalorizada, mas elas são também personagens de grande importância e muito atuantes na cenas.

No romance *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, a personagem Bertoleza assume um papel de extrema submissão, pois trata-se de uma escrava exercendo a função de quitandeira que trabalha como uma máquina para o dono do cortiço, João Romão: “A feroz engrenagem daquela máquina terrível, que nunca parava, ia já lançando os dentes a uma nova camada social que, pouco a pouco, se deixaria arrastar inteira lá para dentro” (AZEVEDO, p. 104). E o registro segue nesses termos:

Bertoleza é que continuava na cepa torta, sempre a mesma crioula suja, sempre atrapalhada de serviço, sem domingo nem dia santo: essa, em nada, em nada absolutamente, participava das novas regalias do amigo: pelo contrário, à medida que ele galgava posição social, a desgraçada fazia-se mais e mais escrava e rasteira. João Romão subia e ela ficava cá embaixo, abandonada como uma cavalgadura de que já não precisamos para continuar a viagem (AZEVEDO, p. 104).

Segundo Proença Filho (2004), Bertoleza simboliza o papel de todos os negros, que de forma desumana tinham uma “única” função até o início do século XIX, “servir aos seus senhores”. O mundo “branco” capitalista não permitiu que o negro exercesse ou tivesse os mesmos direitos que a sociedade burguesa, em virtude do regime escravo que ainda estava bastante enraizado e devido aos negros terem sido trazidos da África como objeto de trabalho dos europeus. Esse último aspecto, como sabemos, contribuiu de forma significativa para a

construção da civilização brasileira e faz até hoje o Brasil ser um país de maioria negra e de descendentes africanos.

Proença Filho (2004) cita, ainda, um romance não muito conhecido de Joaquim Manuel de Macedo, *As Vítimas Algozes*, escrito em 1869. Nesta obra, o negro é estereotipado como “escravo demônio”. O autor, querendo expor um discurso abolicionista, descreve o negro como um indivíduo perigoso e cruel, devido ao fato ter sido vítima do sistema escravo, o que faria com que o negro acabasse se tornando rebelde, inconformado com a situação de vida que levava. Dessa forma, sua crueldade se revelaria quando o negro tentava de forma vingativa atacar os seus senhores, como forma de vingança:

Desprezível e nociva durante o dia, a *venda* é esquelética, medonha, criminosa e atroz durante a noite: os escravos, que aí então se reúnem, embebedam-se, espancam-se, tornando-se muitos incapazes de trabalhar na manhã seguinte; misturam as rixas e as pancadas com a conversação mais indecente sob o caráter e a vida de seus senhores, cuja reputação é ultrajada ao som de gargalhadas selvagens: inspirados pelo ódio, pelo horror, pelos sofrimentos inseparáveis da escravidão, se expandem em calúnias terríveis que às vezes chegam até a honra das esposas e das filhas dos senhores; atizam a raiva que todos eles têm dos feitores, contando histórias lúgubres de castigos exagerados e de cruelíssimas vinganças, a cuja ideia se habituam; em sua credulidade estúpida e ilimitada esses desgraçados escutam boquiabertos a relação dos prodígios do feitiço, e se emprazam para as reuniões noturnas dos feiticeiros; e uns finalmente aprendem com outros mais sabidos a conhecer plantas malélicas, raízes venenosas que produzem a loucura ou dão a morte, e tudo isto e muito mais ainda envolta com a embriaguez, com a desordem, com o quadro da abjeção e do desavergonhamento já natural nas palavras, nas ações, nos gozos do escravo (MACEDO, 1869, p. 5).

Na obra, o personagem Simeão representa o negro afrodescendente, aquele que, apesar de ser escravo, tem um convívio harmonioso com os seus senhores, mas que, com o passar dos anos, testemunhando as situações dos seus conterrâneos, se reconhece como escravo e começa a agir com atitudes perversas:

O crioulo escravo e estimado, em quem o amor e as condescendências do senhor animam e atizam expansões naturais do amplo gozo da liberdade, mistura nos dias da reflexão mais sombria e triste a lembrança dos sabores do reflexo da liberdade com a ameaça e os negros horrores da escravidão; habituado à impunidade garantida pela afeição, ousa muito e abusa ainda mais; como predileto da família, e escravo, portanto infeccionado de todos os vícios e ferozes impulsos da madre-fera escravidão, insolente e malcriado, nem perfeitamente livre, nem absolutamente escravo, bom juiz odiento, pois que conhece as duas condições, e da melhor é bastardo, e da pior legítimo filho, o crioulo escravo e estimado de seu senhor, torna-se em breve tempo ingrato e muitas vezes leva a ingratidão a perversidade, *porque é escravo* (MACEDO, 1869, p. 14).

Conforme Proença (2004), Macedo adota um discurso que, segundo ele, seria uma forma de promover o processo abolicionista, alegando que a escravidão colocava em risco a vida dos senhores de engenho donos de escravos, porém, mesmo querendo transmitir uma lição de moral aos seus leitores, acaba que essa narrativa não é bem aceita pelo público, pois seus argumentos contradizem os critérios exigidos pelos direitos humanos e corroboram o estabelecimento da desigualdade social.

O demônio familiar, uma peça escrita na segunda metade do século XIX, traz, por seu turno, o personagem Pedro, um escravo negro, como vilão. Tendo um papel importantíssimo para o desenrolar do enredo e com uma presença marcante nas cenas, Pedro causa várias confusões na relação amorosa de seu senhor, que por fim decide fazer a carta de alforria, como expresso na seguinte cena:

EDUARDO - Por que, minha irmã? Todos devemos perdoar-nos mutuamente; todos somos culpados por havermos acreditado ou consentido no fato primeiro, que é a causa de tudo isto. O único inocente é aquele que não tem imputação, e que fez apenas uma travessura de criança, levado pelo instinto da amizade. Eu o corrijo, fazendo do autômato um homem; restituo-o à sociedade, porém expulso-o do seio de minha família e fecho-lhe para sempre a porta de minha casa. (A PEDRO) Toma: é a tua carta de liberdade, ela será a tua punição de hoje em diante, porque as tuas faltas recairão unicamente sobre ti; porque a moral e a lei te pedirão uma conta severa de tuas ações. Livre, sentirás a necessidade do trabalho honesto e apreciarás os nobres sentimentos que hoje não compreendes. (PEDRO beija-lhe a mão.) (ALENCAR, 2004, p. 85).

Nesta cena, o escravo Pedro recebe a carta de alforria de seu dono, Eduardo, que o expulsa do convívio de sua família, para a qual teria causado muitas intrigas e calúnias, caracterizando, assim, o demônio da obra, um personagem negro não confiável e que passa a não ser aceito pelos seus donos.

Com relação às personagens femininas negras na literatura brasileira, suas atuações ocorrem com mais frequência, principalmente na fase naturalista/realista (1881–1883), em que a mulher negra assume certo protagonismo, ainda que marcado pela sensualidade como objeto de prazer, pelo preconceito de gênero e por estereótipos claramente racistas. De acordo com Castilho (2004), isso é observável também no já citado romance *O Cortiço* (1890), de Aluísio de Azevedo, com a personagem Rita Baiana:

Ela saltou em meio da roda, com os braços na cintura, rebolando as ilhargas e bamboleando a cabeça, ora para a esquerda, ora para a direita, como numa sofreguidão de gozo carnal, num requebrado luxurioso que a punha ofegante;

já correndo de barriga empinada; já recuando de braços estendidos, a tremer toda, como se fosse afundando num prazer grosso que nem azeite, em que se não toma pé e nunca se encontra fundo. Depois, como se voltasse à vida, soltava um gemido prolongado, estalando os dedos no ar e vergando as pernas, descendo, subindo, sem nunca parar com os quadris, e em seguida sapateava, miúdo e cerrado, freneticamente, erguendo e abaixando os braços, que dobrava, ora um, ora outro, sobre a nuca, enquanto a carne lhe fervia toda, fibra por fibra, tirilando. (AZEVEDO, 1980, Pag. 92).

O autor procura descrever a personagem tanto em seus aspectos físicos quanto psicológicos, caracterizando a mulher como uma pervertida através do ato prazeroso de dançar. Em outro momento, o autor diz “Era tarde já e não havia em casa alguma criada que lhe pudesse valer” (AZEVEDO, 1980, p.16), e o que transparece nessa passagem é a imagem da criada como objeto sexual, pois, se caso tivesse uma em casa àquela hora, poderia se valer dela e saciar seus desejos.

Em suma, a presença do negro na literatura foi algo de difícil aceitação por parte dos escritores, haja vista que o preconceito racial estava embutido de forma invisível, e isso influenciou na produção de suas obras.

Eduardo de Assis Duarte (2013), em seu artigo O negro na Literatura Brasileira, explica que o negro surge como sujeito autor ainda no século XVIII, com os autores Domingos Caldas Barbosa e sua obra *Viola de Lereno* (1800); Luiz Gama e sua *Trovas Burlescas de Getulino* (1859); Maria Firmina dos Reis com o romance *Úrsula* (1859), e, anos depois, já no século XIX, o ficcionista Lima Barreto com o romance *Clara dos Anjos* (1948).

Somente a partir dos anos 60 é que ocorre uma presença mais destacada de autores negros que buscam em suas obras assumir sua identidade negra afrodescendente, buscando com isso revelar a cultura negra e africana, assim como a realidade e o modo de vida dos negros no Brasil. A partir de então, o negro procura lutar pelo seu espaço e passa a buscar reconhecimento na sociedade, assumindo uma postura de autoafirmação de negro como cidadão que deve ser reconhecido como ser humano e detentor dos mesmos direitos que os brancos. Nesse sentido, Proença Filho (2004) diz que a postura do negro passa a ser a de não aceitação do tratamento discriminatório com que historicamente era tratado, uma vez que a exclusão e a marginalização já não podiam mais ser marcas da discriminação com que tanto sofreram.

2.1 Análise da personagem da obra *Pretinha, eu?*

Negra e pobre, e lutando por um espaço na sociedade, a personagem Vânia serve como exemplo de dignidade ao enfrentar o preconceito e a discriminação vividos no seu dia a dia. Personagem principal da obra *Pretinha, eu?*, podemos classificá-la, como afirma Brait, como uma “personagem porta-voz do autor, [...] baseia-se numa longa tradição, empenhada em enfrentar essa instância narrativa como a soma das experiências vividas e projetadas por um autor em sua obra” (1985, p. 50). Segundo Braz, autor da obra, tanto a personagem Vânia quanto a personagem Bel revelam inquietações vividas por ele durante muito tempo e que de certa forma também devem fazer parte da vida de muitas pessoas.

Vânia, uma garota negra, recebe uma bolsa de estudos do patrão de sua mãe que, por sua vez, é negra, num colégio que atende ao público da classe média alta e branca. Este colégio pertence ao patrão de sua mãe e ele também é diretor da instituição. O fato de ela ter recebido essa bolsa é o grande causador de conflitos da obra. O que impediria uma pessoa de estudar num colégio ou de adentrar em qualquer outro ambiente? Somente o fato de ela ser negra ou pobre, ou negra e pobre? É nessa perspectiva que a personagem vai mostrar como se forma a questão do preconceito, como enfrentar as situações constrangedoras que afetam os indivíduos afrodescendentes e de que forma podemos lidar com ela.

Narrado em primeira pessoa, o romance traz um narrador que se caracteriza como narrador-personagem onisciente neutro, que, segundo Freidman (1972, *apud*, Chiappine 1985, p.26,27)

tem a liberdade de narrar à vontade, de colocar-se acima, [...]. Pode também narrar da periferia dos acontecimentos, ou do centro deles, ou ainda limitar-se e narrar como se estivesse de fora, ou de frente, podendo, ainda, mudar e adotar sucessivamente várias posições. Como canais de informação, predominam suas próprias palavras, pensamentos e percepções. Seu traço característico é a intrusão, ou seja, seus comentários sobre a vida, os costumes, os caracteres, a moral, que podem ou não estar entrosados com a história narrada.

O narrador é a personagem Bel, uma garota que, apesar de ser morena, não se identificava como negra, negando sua descendência afrodescendente. Ela narra os acontecimentos vividos por Vânia, atuando também como protagonista das ações de forma antagônica.

A primeira cena de preconceito vivida por Vânia é bastante chocante, pois mostra como a entrada de uma aluna nova em um determinado colégio é, no romance, causa de grande alvoroço, como é narrado de forma espantosa: “Nossa! Foi um grande alvoroço, uma confusão, um zunzunzum pra lá e pra cá que só vendo!” (BRAZ, 2008, p. 8). Esse alvoroço acontecido no colégio era devido à não aceitação de uma pessoa negra fazer parte daquela sociedade elitizada que compunha a instituição escolar. A personagem Vânia, ao enfrentar essa situação, se posiciona de forma digna, ignorando todos os olhares:

Vânia parecia saber muito bem o que queria e era durona. Estava na cara dela. Até quando a brincadeira começou a passar dos limites, continuou andando, olhando pra frente, como se nem fosse com ela. Vânia parecia saber exatamente o que a esperava quando pôs os pés no Colégio Harmonia (BRAZ, 2008, p. 9).

Essa primeira cena de preconceito vivido por Vânia revela o lado do ser negro que se posiciona de forma autêntica, ocupando um lugar que é de direito, sem se deixar incomodar com as injúrias que a elite branca as faz sofrer. E, do outro lado, tem-se a sociedade branca que começa a implicar por causa da cor da personagem. Mas não só a cor era motivo de piada e discriminação, os estereótipos que caracterizam Vânia são também alvo de preconceito:

Vânia tinha o cabelo duro preso num monte de trancinhas como aqueles cantores de reggae que a gente vê na televisão. Os lábios eram grossos e vermelhos. Nariz de batata. Os olhos, grandes e brancos. Os dentes iluminavam um sorriso enorme e brilhante como o sol (BRAZ, 2008, p. 8).

O cabelo duro, os lábios grossos e o nariz de batata são associados a uma ideologia de inferioridade que aflige as crianças principalmente em sala de aula, como afirma Rosângela Malachias:

As características fenotípicas, como a espessura dos lábios, o formato do nariz e a textura capilar, nessa mentalidade brasileira cristalizada, tornam-se marcas relevantes para a classificação das pessoas consideradas bonitas ou feias. Assim, quem possui “características caucasianas” – pele branca, nariz afilado, lábios finos, cabelo liso – entra na categoria das pessoas bonitas e quem possui “características negroides” (nariz largo, cabelo lanudo e/ou crespo, lábios grossos) seria despojado de uma categorização positiva, não sendo considerado belo (2007, p. 33).

Malachias apresenta a definição de estereótipo como sendo “[...] clichê, rótulo, modelo rígido e anônimo, com base no qual são produzidos, de maneira automática, imagens ou comportamentos” (2007, p. 56). No caso de Vânia, essas características soaram negativamente, o que se percebe quando há, no romance, situações de rejeição dos outros colegas em estarem com ela para brincar ou conversar, excluindo-a do convívio deles.

Vânia, ao chegar no colégio, é rapidamente discriminada; os outros alunos a observam e proferem comentários preconceituosos, mas ela mostra não se importar com os comentários deles e se revela como uma aluna bastante inteligente e dedicada, o que irá causar inveja nos seus colegas de turma:

Mesmo depois da surpresa e apesar de mostrar que era uma aluna superinteligente – acho que era por causa disso -, volta e meia tinha alguém implicando com ela.

- Pretinha, pretinha – repetiam as meninas (BRAZ, 2008, p. 10).

Em meio aos alunos, existe uma garota chamada Bel, que, ao observar as características físicas de Vânia, percebe que possui alguns traços semelhantes, como os lábios grossos, os cabelos crespos e a pele morena, mas Bel não queria aceitar a hipótese de ser negra ou possuir ascendentes negros, renegando assim sua origem africana:

Eu era morena. Não tão preta quanto a Vânia, ou com o cabelo ‘ruim’ e os lábios grossos, mas eu era morena clara. Tinha os olhos negros. Os cabelos curtos, também pretos, também menos lisos do que gostaria que fossem, mas bem melhores do que os dela. Sei lá, Vânia me assustava. Eu nem sequer gostava de ficar muito perto dela. Era medo de que me notassem a semelhança há tanto tempo ignorada ou simplesmente despercebida. Talvez fosse por causa desse medo que eu mexia com ela como as outras meninas gostavam de mexer. Era assustador admitir que nós duas possuíamos alguma coisa em comum. Apesar de Vânia ser mais pretinha do que eu (BRAZ, 2008, p. 11).

A não aceitação da sua origem negra era devido ao fato de sua mãe ser loira, e seu pai (também negro) não atentava para o reconhecimento de sua origem afrodescendente, uma vez que a profissão que ele exercia - era advogado - camuflava esse “detalhe”, dando-lhe status social. Dessa forma, a condição financeira da família dava a Bel condições para também camuflar-se diante de seus colegas, já que estudava em um colégio tradicionalmente elitista.

Mas a chegada da personagem Vânia abrirá caminhos para que Bel perceba que há algo de “errado” em sua vida. A mãe, assim como os outros, mostra-se preconceituosa quando Bel fala da chegada de Vânia à escola, sempre fugindo dos questionamentos da filha que nunca entendeu o fato de a mãe não gostar de negros, mas ter casado com um. Esse comportamento instiga ainda mais a menina a querer saber sobre a sua origem, pois, ao observar o álbum de família, percebe a ausência de alguns familiares paternos. Esse fato instaura na cabeça da menina um conflito acerca da união de seus pais, como se observa em: “penso que meu pai tinha dinheiro e minha mãe, não. Que o pai de minha mãe estava sem um tostão e nem pôde pagar meu pai para defendê-lo num julgamento de sei-lá-o-quê... Não, não é nada disso” (BRAZ, 2008, p. 38).

Nesse caso, vemos que são evidenciados dois perfis distintos: o negro pobre, subalterno, oriundo de uma família desprestigiada socialmente, vítima de preconceito por causa de sua origem, e que é representado no romance pela personagem Vânia; e o outro, com traços europeizados, mas que nega as suas raízes por fazer parte da classe média, daí a personagem Bel. Segundo Malachias (2007), “Para esse tipo de mentalidade, ‘ser negro’, ao contrário do que ocorre com a condição de ‘ser branco’, não implica valor nem positividade. A pessoa negra recebe tratamento diferenciado, sendo considerada ‘inferior’ e passível de piadas”. Infelizmente, trata-se de um pensamento que causa grave consequências e que precisa, portanto, ser desconstruído.

Como podemos notar, essa obra é um excelente objeto de estudo para ser utilizado em sala de aula, ao passo que traz conflitos reais que suscitam questionamentos pertinentes para o trabalho acerca da problemática étnico-racial, tão presente em nossa sociedade. É importante considerarmos isso no contexto do ensino escolar, uma vez que a literatura enquanto espelho da realidade atua no imaginário do leitor formando conceitos, e, no caso do aluno negro, pode contribuir para reduzir o preconceito que os outros têm em relação a ele e, em alguns casos, o que ele tem em relação a si mesmo.

3 RELATOS DE EXPERIÊNCIA

Em 2004, o Conselho Nacional de Educação aprovou um relatório sobre Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnicas-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, que visa a regulamentar a Lei 10.639/2003 e cumprir o que é estabelecido na Constituição Federal nos artigos que conferem e asseguram o direito à igualdade, à cidadania e a condições de vida a toda sociedade negra do país. De acordo com esse relatório:

A escola tem papel preponderante para eliminação das discriminações e para emancipação dos grupos discriminados, ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos, a registros culturais diferenciados, à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimentos avançados, indispensáveis para consolidação e concerto das nações como espaços democráticos e igualitários (BRASIL, op. cit., p.15).

Portanto, é necessário que a escola cumpra seu papel, levando ao conhecimento dos alunos diversos mecanismos que colaborem com a eliminação dos atos discriminatórios que são mais comuns nas escolas, principalmente entre os jovens e adolescentes. Desse modo, deve-se buscar proporcionar aos alunos o acesso a textos literários que regem as relações sociais e raciais, ou seja, o acesso a uma literatura a favor do combate ao preconceito e da discriminação racial deve ser incentivado. Tomando isso como ponto de partida, escolhemos o livro *Pretinha, eu?*, de Júlio Emílio Braz, e realizamos uma atividade com o propósito de colher dados que revelassem a posição dos alunos com respeito a esse tipo de assunto, como também procuramos, na oficina, estimular o senso crítico dos discentes no que diz respeito às questões sociais e raciais que envolvem toda a comunidade.

A obra escolhida, tem em vista, como diz Cosson:

quebrar as hierarquias impostas pela crítica literária e abrir a escola a todas as influências, liberando os professores do peso da tradição e das exigências estéticas. Por meio dela, acredita-se que a leitura na escola passa a ser uma prática democrática que busca contemplar e refletir os mesmos princípios da sociedade da qual ela faz parte (2011, p. 33).

Para exercer essa prática democrática, é necessário promover discussões e levar opiniões que versem sobre questões relevantes, as quais a sociedade enfrenta. É preciso, ainda, a criação da autoestima daqueles que se considerem de alguma forma discriminados, não somente as pessoas afrodescendentes, como é retratado no romance aqui analisado, mas também todo aquele que é vítima do preconceito e da discriminação em suas diversas formas, como, por exemplo: o preconceito racial ou linguístico, religioso, de gênero, baseado no peso, na idade, e entre outros que constroem e acabam gerando graves consequências psicológicas às suas vítimas.

Para o desenvolvimento da atividade, inicialmente buscamos uma classe em que pudessemos realizar a pesquisa; falamos com a professora Inês Resende, e ela nos deu a oportunidade de desenvolver a atividade em uma de suas turmas. A turma escolhida foi uma turma do 9º, de uma escola pública da rede municipal da cidade de Itabaiana Sergipe, localizada numa região periférica da cidade em que os moradores em sua maioria são de origem afrodescendente. Com a escolha da turma, fomos então à prática: sem ter ainda certa experiência em sala de aula, houve muita dificuldade e apreensão em pensar como chamar a atenção dos alunos. Vimos que a turma era muito heterogênea, formada por alunos em sua maioria repetentes e com idades variadas entre 13 e 20 anos de idade, ainda concluindo o 9º ano do Ensino Fundamental Maior. A maioria deles é bastante dispersa e fica conversando durante a aula, e alguns utilizam o celular, o que dificulta atrair a atenção deles. Ressaltamos que esse é um dado muito preocupante que precisa ser analisado com cuidado pela direção da escola.

A atividade foi realizada no dia 02 de março de 2016. Foram utilizados os três últimos horários seguidos, para podermos concluí-la no mesmo dia. Para desenvolver a atividade, foram necessários a leitura aprofundada do livro e o levantamento de uma série de questões para serem lançadas aos alunos no decorrer da leitura. A turma selecionada é composta por 26 alunos, mas, no dia da atividade, só compareceram 21. Para que os alunos presentes acompanhassem a leitura, foram tiradas sete cópias da obra que iriam ser entregues a grupos de quatro alunos, mas como faltaram quatro, foram formados então seis grupos de 3 e um grupo de quatro alunos.

Divididos os grupos, demos início à leitura, primeiro mostrando a eles a contracapa: pedimos para que olhassem e dissessem o que a imagem estava mostrando, todos olharam e poucos opinaram dizendo que eram alunos dentro da escola, outros notaram a presença de

uma menina negra e outros não. Uma aluna percebeu que havia uma aluna emburrada encostada na parede, e, assim, depois desse contato inicial, seguimos explicando mais um pouco do que informava a imagem e demos início à leitura do primeiro capítulo.

A leitura foi realizada quase totalmente pela ministrante da oficina, poucos alunos se arriscaram a ler, uns por vergonha, outros por não quererem. A maioria deles não se intimidava em dizer que não iria ler, e isso nos fez pensar: será que é por nossa causa ou por que não sabiam ler? Depois, na primeira aula do Estágio, constatamos o real problema: a falta de interesse dos alunos, a falta de perspectiva, de iniciativa, de vontade de lutar por um melhor lugar na sociedade, enfim, trata-se de uma realidade com a qual nós, futuros professores, teremos que nos deparar.

Durante a leitura, mais precisamente ao final de cada capítulo, eram feitos alguns questionamentos a respeito da obra, como, por exemplo, no primeiro capítulo: qual a reação da personagem Vânia diante dos deboches? Como você reagiria se fosse Vânia? No segundo capítulo: de que forma foi possível a entrada de Vânia no Colégio Harmonia? Ela era rica? Era inteligente ou não? É comum ocorrerem esses casos na escola? E, assim, íamos discutindo o texto comparando-o com o ambiente social em que estamos inseridos, comparando a ficção com a realidade. Porém, notamos que os alunos pouco participavam, a atenção deles era dividida entre o celular e a conversa com os colegas. Para manter a atenção deles voltada para uma leitura atenciosa e participativa, foi bastante difícil e cansativo. Mesmo assim, com a atenção de poucos, concluímos a leitura e, ao final, foi entregue a cada um dos alunos um questionário elaborado pela ministrante da oficina.

O questionário era composto por 10 questões referentes a temas como preconceito racial, identidade étnica, dentre outros que revelam a percepção dos alunos com relação a essas temáticas. Devido ao fato de a turma ser composta, em sua maioria, por jovens de origem afrodescendente, e por o livro *Pretinha, eu?* relatar cenas de preconceito e discriminação vivenciados pela personagem principal, a pergunta inicial era: “Você já sofreu algum tipo de preconceito ou discriminação? Qual?”. Com ela, obtivemos as seguintes respostas dispostas na tabela abaixo:

Nº de alunos	Respostas
10	Não sofreram preconceito ou discriminação

12	Sofreram
----	----------

Dentre os 22 alunos, 10 disseram não terem sofrido preconceito ou discriminação, já 12 deles afirmaram terem sofrido sim, e, na sua maioria, ocorreram de forma verbal, por meio de apelidos, como nos exemplos coletados: “nega preta” e “metida e nojenta”. Em um caso, foi constatado o preconceito de gênero, uma vez que a aluna foi chamada de lésbica, e, em outra resposta, a aluna disse ter se sentido ofendida por ser chamada de “branquela sem sal”, o que não deixa de ser também preconceito racial, pois demonstra o fato de não gostarem de pessoas da cor branca.

Na segunda questão, foi perguntado se eles já haviam cometido alguma ação discriminatória contra alguém e como teria sido. Dentre os 22 sujeitos da pesquisa, 14 responderam que não, já os outros 8 responderam que sim, que já o cometeram. Obtivemos, conforme tabela abaixo, as seguintes respostas:

Nº de alunos	Respostas
1	Chamou alguém de “tição” e outro de orelhudo
1	Fazia a amiga passar vergonha, gritando na rua que não tinha roupas, calçados
1	Acusou a menina de ladra
1	Colocou um sapo na bolsa dela
1	Xingou a irmã de macaca
1	Chamou a amiga de amarela sem sal
1	Às vezes, mas nem mesmo percebemos
1	Já humilhou

Para saber a respeito da percepção da cor que cada um tem de si mesmo, perguntamos, na terceira questão, “Você se considera branco, loiro, preto, moreno, ruivo ou pardo?”, cujas respostas aparecem no quadro abaixo:

Nº Alunos	Respostas
-----------	-----------

2	Branco
1	Loiro
1	Preto
12	Moreno
6	Pardo
0	Ruivo

Em termos de porcentagem, vemos que 55% dos alunos disseram se considerarem morenos, com isso, podemos concluir que esses alunos são de descendência africana, pois o que os torna com essa tonalidade de cor é justamente a mistura da raça negra com a branca ou parda. Além disso, a nossa análise aponta para o fato de que, ao se considerarem morenos, pode estar subentendida uma negação a assumir a cor “preta”.

Para constatar se esses jovens se sentiam felizes com sua cor de pele, a nossa pergunta, na quarta questão, foi a seguinte: “Você já teve vergonha de sua cor? Por quê?”, e as respostas foram as seguintes:

Nº de alunos	Respostas
2	Sim
20	Não

Muito importante constatar que praticamente todos os alunos disseram não sentir vergonha de sua cor, sendo que a maioria está entre os morenos e os pardos. Já entre os dois que disseram sim, temos um que se diz da cor branca e que sente vergonha quando está em um ambiente em que só há pessoas negras. E o outro diz ter vergonha porque muita gente não gostava dele e ainda afirma ter vergonha de ter nascido moreno.

Na quinta questão, foi perguntado: “Você possui amigos negros? Como é sua relação com eles?” Todos responderam que sim, que tinham amigos negros, e que sua relação com eles era normal, muito boa, legal ou até mesmo ótima.

Na sexta questão, por sua vez, foi perguntado: “Você já presenciou alguma atitude preconceituosa e discriminatória dos seus colegas? Conte como foi?”, e obtivemos as seguintes respostas:

Nº de alunos	Respostas
17	Sim
5	Não

O intuito desta questão foi investigar as relações entre os alunos, pois, muitas vezes, alguns são influenciados pelos colegas a praticar algo que possa não ser de sua índole, mas que, por influência dos colegas, são instigados a acompanhá-los em algum ato ou prática maldosa que pode levar a prejudicar alguém. Cinco dos alunos disseram não ter presenciado atitudes discriminatórias de seus colegas. No entanto, 17 deles afirmaram já ter presenciado, e alguns afirmaram ser muito constrangedor estar presente nessa situação.

Outra questão importante que interessa aos pais de alunos e à sociedade é a forma como os estudantes negros ou de qualquer outra etnia são tratados pelos professores e os dirigentes da escola.

Na sétima questão, foi perguntado aos alunos se já presenciaram algum ato preconceituoso ou discriminatório por parte do professor ou da direção da escola, ao que eles responderam:

Nº de Alunos	Respostas
21	Não
1	Sim

Como vemos no quadro, a resposta de 21 alunos foi negativa, somente um aluno afirma ter presenciado o professor chamar alguém de gordo. Isso certamente é um bom indicativo, pois mostra que professores e dirigentes tratam os alunos com o digno respeito que merecem.

Na obra *Pretinha, eu?*, a personagem Bel tem uma mãe preconceituosa que não concorda com a decisão da escola de aceitar a aluna Vânia como bolsista, como mostra o trecho a seguir: “– O que deu nessa gente? Ela...” (BRAZ, 2008, p. 21). A personagem mãe de Bel, ao se perguntar “O que deu nessa gente?”, revela ter uma postura bastante preconceituosa e deixa claro não ter gostado da ideia de uma pessoa negra estar estudando no mesmo colégio que a sua filha. Em outros momentos da narrativa, a mãe repete essa postura, apesar de ter se casado com alguém negro (mas advogado). Com isso, resolvemos fazer a seguinte pergunta aos alunos: “Seus pais agem de forma preconceituosa com alguém? O que eles comentam?”. Com respostas bastante sucintas, 20 dos 22 alunos responderam que “Não”, que nunca viram os seus pais agirem de forma preconceituosa, enquanto 2 alunos responderam que “Às vezes”, demonstrando que já haviam presenciado alguma atitude discriminatória por parte de seus pais, mas não responderam o que eles comentavam.

Com base nessa proposta, perguntamos aos alunos se a escola em que estudam realiza algum tipo de projeto para a conscientização dos discentes e da comunidade, e que citassem a iniciativa, caso houvesse. As respostas foram: “Projeto do Dia da Consciência Negra”, “Projeto Formiguinha” e “PIBID” e outros responderam que não sabiam. Esses projetos são essenciais para a interação e formação desses alunos no ambiente cultural e social, visto que buscam entre outros temas, também trabalhar com a literatura africana e afro-brasileira. O autor, além de narrar a situação vivida por Vânia no Colégio, também se preocupou em evidenciar a forma como o Colégio procurou tratar essa situação, que constantemente é vivida por crianças, jovens e adolescentes no ambiente escolar. No caso do romance, a direção do Colégio Harmonia, juntamente com os professores, for a cada uma das salas conversar com os alunos sobre “preconceito” e decidiu se organizar em torno de um projeto educativo, e, assim, durante uma semana discutiram com os alunos o tema “Preconceito e Discriminação Racial”.

Por último, perguntamos o que haviam apreendido com a história relatada no livro. Felizmente, a maioria deles respondeu de forma positiva o que havia sido proposto:

Nº de alunos	Respostas
5	Que não deviam julgar ninguém pela sua cor e classe social, que o que importa é o seu caráter;
1	Que ninguém é melhor do que ninguém independente da sua cor;

4	Que não devemos agir com preconceito com ninguém e nem fazer brincadeiras sem graça;
1	Que a cor não define caráter; que devemos aceitar as diferenças;
1	Que devemos ter mais respeito com as pessoas;
1	Que o preconceito é feio e que pode fazer mal até para os que praticam
2	Que não devemos ter preconceito, que não importa se a pessoa é preto, branco, pardo, ruivo temos que aceitar do jeito que eles são
3	Não responderam

Diante das respostas dos alunos, percebe-se que eles lidam com tranquilidade sobre estas questões, apesar de sua maioria afirmar já terem sofrido preconceito, podem ainda não estarem cientes que a sua prática já é considerada crime. Mesmo assim, muitos demonstram ter consciência do que a prática do racismo e do preconceito pode causar aos indivíduos que sofrem essa prática. Percebemos também, que a maioria dos alunos responderam ser “morena”, mas, ao ter o contato diretamente com a turma, verificamos que eram na sua maioria negros, sendo assim, percebe-se que estes alunos podem não estar se assumindo como indivíduo de origem negra, ou não souberam se identificar quanto a sua definida cor. Desta forma, eles se enquadram no perfil da personagem Bel, que não se vê como uma pessoa negra, ou mesmo descendente, que somente após conhecer seus antecedentes da parte de seus familiares paternos começa a se reconhecer como cidadã de origem afrodescendente.

Diante disso, esperamos que estes alunos possam, a partir de novos diálogos e outras leituras, reconhecer a que raça pertencem e assumir sua identidade étnico-racial seja ela qual for. Esperamos também, que os alunos tenham apreendido alguma lição, quanto a não praticarem atos de racismo, preconceito e discriminação e que busquem, na prática do dia-a-dia, respeitarem-se uns aos outros, independente de sua raça ou etnia, a fim de que as atitudes de respeito se proliferem entre os demais amigos não só no ambiente escolar, mas em seu convívio na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É revoltante pensar que, para que haja uma relação de respeito entre os grupos étnico-raciais, seja preciso o Estado criar leis que busquem um melhor relacionamento entre eles e que garantam o respeito, tornando crime todo e qualquer ato de racismo e discriminação que ocorra de forma física e/ou verbal.

Desde os anos de 1960, quando houve uma maior movimentação dos grupos de movimentos negros no Brasil, que lutavam por melhores condições de vida, vêm sendo criados projetos que buscam a valorização do ser negro, contribuindo para que sejam abertos espaços igualitários na sociedade. Em 2003, com a criação da Lei 10.639, mais um passo importantíssimo foi dado pelo governo federal, ao tornar obrigatório o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira nas escolas, pois, dessa forma, o educador passa a ter um papel essencial, porque, além de ensinar sobre questões de raça, cor e etnia, estará ajudando na formação de caráter dos alunos sobre esses temas. Mas, para que isso ocorra de fato como uma realidade educacional, é importante que haja o interesse do professor em buscar novos materiais didáticos que promovam o debate sobre esses e outros temas que sejam de interesse da sociedade.

Como vimos, o preconceito no Brasil está impregnado há séculos em vários âmbitos da nossa sociedade: no convívio social, nas escolas, em obras literárias, nos meios de comunicação, etc. Nesse contexto, é muito difícil querer extinguir essas ações de forma rápida, por isso cremos que a educação seja o veículo mais eficaz para a prática de ações de combate ao preconceito, uma vez que, segundo Munanga:

cremos que a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados (2005, p. 17).

É necessário, portanto, que procuremos ajudar na mudança dessa cultura racista e preconceituosa que passou e passa de geração em geração e que é mantida por indivíduos que se sentem superiores pelo fato de serem brancos e, algumas vezes, devido também às suas condições econômicas de prestígio. Sendo assim, a utilização de textos que exemplifiquem de forma clara esses assuntos, como é o caso do livro *Pretinha, eu?*, pode contribuir para a erradicação de atitudes racistas principalmente no ambiente escolar.

Júlio Emílio Braz, autor do romance aqui analisado, procura fazer a sua parte como cidadão, além de que, como indivíduo negro, ele se estabelece na literatura afro-brasileira como um sujeito autor representante dessa raça e desse povo, criando personagens negros como protagonistas e lhes dando evidência, buscando colocá-los como cidadãos detentores de direitos e dignos de respeito perante a sociedade. Além disso, o autor trata do preconceito étnico-racial com bastante precisão, mostrando a realidade das situações de constrangimento pelas quais os negros, por vezes, passam.

Levar esse tipo de leitura para a sala de aula é realmente necessário, pois, com ela, é possível estimular o processo de formação crítica do aluno, interferindo na mudança de uma mente alienada, criada pela cultura desde a infância. A prática da leitura também influenciará na formação da identidade dos alunos jovens, podendo causar uma ruptura com o estereótipo pré-estabelecido acerca dos sujeitos negros. Para muitos, é normal realizar um ato discriminatório e preconceituoso, como xingamentos, visto que consideram tal prática como sendo um ato banal. Como exemplo, vimos o que acontece no livro *Pretinha, eu?*, em que verificamos a situação da personagem Vânia, que foi tão humilhada que necessitou da interferência em conjunto da direção e dos professores para explicarem sobre o tema aos alunos e assim tentar mudar as atitudes dos colegas com relação à personagem (que representa, neste caso, um tipo social). É nesse sentido que a escola juntamente com os professores também pode e deve cumprir seu papel, elaborando práticas pedagógicas na conscientização dos alunos e agindo na promoção da igualdade social, como também ajudar os alunos na sua valorização e identidade racial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. Ed. Renovada. São Paulo. FTD, 2011
- AMARO, Satira: *Racismo, igualdade racial e políticas de ações afirmativas no Brasil*. Porto Alegre: Edipucrus, 2015.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*, Distrito Federal: 2004. Disponível em: http://www.espacoacad.emico.com.br/040/40pc_diretriz.htm. Acesso em: 30 de março de 2016, às 23h18.
- BRAZ, Júlio Emílio. *Pretinha, eu?*. São Paulo: Scipione, 2008
- CASTILHO, Suely Dulce de. A Representação do Negro na Literatura Brasileira. In: *Novas Perspectivas: Olhar de Professor*, vol. 7, n° 1, 2004. p. 106.
- CAVALLEIRO, Eliane. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. 1998.
- _____. Educação antirracista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 2001.
- COSSON, Rildo: *Letramento Literário: teoria e prática*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2014
- _____. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. v. 4 (História, teoria, polêmica). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Entre Orfeu e Exu, a afrodescendência toma a palavra. In: _____ (org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. v. 1 (Precusores). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- FAZZI, Rita de Cássia. *O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- FILHO, Domício Proença. *A Trajetória do negro na literatura brasileira*. vol. 18, n. 50. São Paulo, Jan./Abril 2004. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100017. Acesso em 09 de Abril de 2016.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: *Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 39-62. Disponível em http://www.ceao.ufba.br/livrosevideos/pdf/livro4_EducacaoeRER-24.04.16.pdf.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão)*. São Paulo: Ática, 1985. Série Princípios. p. 25-70.

MALACHIAS, Rosângela. *Cabelo bom. Cabelo ruim. Negros e brancos na escola*. Vol. 4. São Paulo: NEINB, 2007. Coleção percepções da diferença.

MUNANGA, Kabengele. Superando o Racismo na escola. In:_____. *Apresentação*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p.17.

NASCIMENTO, Inácia Maria Rodrigues. *Preconceito, discriminação: mito ou realidade no contexto educacional?* Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2011.

SOUSA, Rainer Gonçalves. Democracia Racial. In: *Brasil Escola*. Disponível em <http://brasilecola.uol.com.br/historia/democracia-racial.htm>. Acesso em 19 de abril de 2016.

